

EMULAÇÃO DE AUTORIA NOS TEXTOS CONCATENADOS POR MÁQUINAS DE IA

Solange Gallo¹
Silmara Dela Silva²

A questão da autoria, em análise do discurso, é uma questão que perpassa o estatuto do sujeito, de diferentes formas. O autor pode ser relacionado aos discursos de escrita, enquanto um efeito de fecho, unidade e legitimidade, e nesse caso tem relação com a forma-sujeito de discursos de escrita; como pode ser relacionado a uma função do sujeito, presente em todos os discursos, como mostra Eni Orlandi. Segundo a autora, “o autor é, das dimensões enunciativas do sujeito, a que está mais afetada pelas exigências de coerência, não contradição, responsabilidade, etc”. (Orlandi, 2001, p. 82). Notemos que a autoria, nesse caso, é concebida em uma dimensão enunciativa. Nesse âmbito podemos pensar as relações entre interlocutores que, como sabemos, são presididas pelas formações imaginárias, como nos mostra Michel Pêcheux, ao apontar que:

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre existem, nos mecanismos de qualquer formação social, regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (Pêcheux, [1969] 1997, p. 82).

Pêcheux fala de uma antecipação que se dá de modo que um dos interlocutores antecipa, por meio de projeções imaginárias, como o outro interpretará o seu dizer. Toda a questão recai, assim, sobre os parâmetros que um sujeito mobiliza para “antecipar” a melhor formulação possível. Como nos esclarece Pêcheux, esse processo não é consciente para o sujeito. Ele se passa no nível pré-consciente, que Pêcheux relaciona ao esquecimento número 2, segundo o qual “todo sujeito falante ‘seleciona’ no interior da FD [formação discursiva] que o domina (...) um enunciado, forma ou sequência, e não um outro que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na FD considerada” (Pêcheux, [1975] 1988, p. 173).

Para um sujeito inscrito em um discurso, os sentidos “disponíveis”, ou seja, os sentidos que se oferecem no horizonte das possibilidades concernentes a interlocução são muitos, mas não são quaisquer. Eles estão circunscritos no escopo do complexo de formações discursivas com dominante relativo ao discurso no qual os sujeitos se inscrevem. Em outras palavras, diremos que as interlocuções são balizadas por saberes “sempre-já-lá”, segundo a expressão de Pêcheux, que se atualizam nas enunciações. Esses

¹ Doutora em Linguística (Unicamp, 1994). Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, Instituto Ânima. E-mail: solangeledagallo@gmail.com.

² Doutora em Linguística (Unicamp, 2008). Professora Associada do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: silmaradela@gmail.com.

saberes, portanto, são trazidos à interlocução, não necessariamente como ditos, mas também como não-ditos, pré-construídos (Pêcheux, [1975] 1988, p. 99) que serão necessários para a interpretação.

Ainda é preciso dizer que os sujeitos não se inscrevem nos discursos sempre da mesma forma, pois eles podem se identificar com os saberes do discurso, mas podem também se contrair, distanciando-se de parte desses saberes em uma posição-sujeito. Trata-se de formas distintas de inscrição do sujeito no complexo das FDs. (Pêcheux, [1975] 1988, p. 216). No entanto, seja qual for a posição de um sujeito no discurso, ela sempre pressupõe a produção de projeções imaginárias relativas ao interlocutor/leitor, que o sujeito inclui no discurso pela antecipação de sua posição.

Essa retomada teórica nos permite refletir sobre a interlocução entre um sujeito e uma máquina, processadora de textos, por meio de uma Inteligência Artificial (IA). Sabemos que o processo que torna possível a interpretação por parte da máquina é absolutamente diferente desse acima descrito. Não se trata de projeções imaginárias, mas de projeções algorítmicas, resultantes de cálculos (Gallo, 2023). Ou seja, as projeções algorítmicas não são resultantes de interpretações subjetivas, e não têm, como parâmetro, um complexo de FDs com dominante. Não se trata do processamento de saberes concernentes a uma memória discursiva. Os elementos discursivos presentes nesses diálogos são projeções imaginárias dos sujeitos interlocutores, que estão em contato com a IA produzindo interpretações e devolvendo essas interpretações, realimentando, assim, com novos dados, os cálculos da máquina, que por isso pode produzir sequências mais pertinentes a cada turno.

Podemos tomar como exemplo o caso do software de Inteligência Artificial LuzIA, um chatbot lançado em julho de 2023, que funciona por meio de mensagens no WhatsApp.

Figura 1 – Print-screen de notícia sobre LuzIA no site Olhar Digital



Fonte: <https://olhardigital.com.br/2023/10/18/internet-e-redes-sociais/luzia-como-funciona-a-inteligencia-artificial-no-whatsapp/>

Em sites que tratam de tecnologias, a exemplo do Olhar Digital, LuzIA é apresentada sob a forma de uma figura feminina (Figura 1), como ocorre com a maioria das Inteligências Artificiais, mobilizando,

inclusive um nome de mulher, a exemplo do que já fora analisado por Dela-Silva, Lunkes e Carneiro (2022), no caso da robô Fátima, da agência de notícias Aos fatos; e também por Dela-Silva e Freitas (no prelo) sobre a BIA, chatbot da rede bancária Bradesco.

LuzIA pode ser, portanto, um dos nossos contatos do WhatsApp, produzindo, nessas condições, o efeito de um sujeito de enunciação. Ela é apresentada como destinada a desempenhar funcionalidades variadas, tais como: “Traduzir textos; Transcrever áudios; Gerar imagens digitais por meio de descrições; Elaborar listas de afazeres; Corrigir a ortografia de textos; Sugerir filmes e passatempos; Resumir conteúdos de textos; Fornecer a previsão sobre o clima de onde você mora; Receber notícias atualizadas sobre variados assuntos, etc.” (Edwards, 2023).

No dizer sobre LuzIA, é também enfatizado o efeito imaginário de proximidade, como podemos observar nas sequências discursivas que seguem, a primeira delas trazendo um discurso sobre a Inteligência Artificial, e as outras duas, o discurso formulado por LuzIA:

SD1 - Conversar com a IA é similar a conversar com qualquer um dos seus contatos: basta acessar o chat, iniciar a conversa, e enviar diferentes comandos. (Edwards, 2023).

SD2 - Sou Luzia, sua assistente pessoal inteligente. Estou aqui para o que você precisar. (Mensagem inicial)

SD3 - Eu sou a Luzia, uma amiga divertida e prestativa. Estou aqui para ajudar e conversar com você. Como posso ajudar hoje? (Em resposta à pergunta: “Quem é você, Luzia?”)

O discurso sobre (Mariani, 1998) a Inteligência Artificial, que se marca na SD1, diz da similaridade entre a interação com o chatbot e a conversa com “qualquer um dos seus contatos”, fazendo funcionar a projeção imaginária de LuzIA como um interlocutor; afinal, a ela está associada inclusive uma imagem de perfil, que é atualizada esporadicamente, a exemplo do que ocorreu no dia 31 de outubro de 2023, por ocasião do Halloween:

Figura 2 – Captura da tela do celular com LuzIA como catrina



Nesse caso, as projeções imaginárias relativas à Luzia são produzidas no discurso sobre ela. Já nos dizeres da máquina, outros efeitos de sentido são produzidos, visando a aproximação de sujeitos, através da mobilização do nome Luzia, com grafia sem a marcação de caixa alta nas duas letras finais, própria a demarcar a presença da sigla de Inteligência Artificial ao final do nome feminino; pelo deslizamento entre a qualificação “sou assistente pessoal inteligente”, presente na mensagem inicial de conversa com o contato, e as respostas à indagação “Quem é você, Luzia?”, quando o software se descreve como “uma amiga divertida e prestativa”, pronta para “ajudar e conversar com você”. A máquina, em suas projeções algorítmicas, promove efeitos de proximidade, mas não processa saberes via memória discursiva.

Já no ChatGPT, por exemplo, o que temos é um vasto campo de caminhos lógicos, combinações vetoriais, redes neurais, e um número incomensurável de dados textuais, todos retirados de espaços informatizados (Gallo; Selhorst, 2023). Se quisermos afirmar um parâmetro de processamento comum nessas IAs, podemos mencionar essa qualidade digital dos textos processados por elas, todos em circulação na rede internet. Para além disso, não é possível identificar o teor da materialidade digital que é processada, a não ser talvez dizer que ela, enquanto materialidade tecno-política, é determinada pelas condições de produção da empresa que a produz, com os parâmetros materiais que ela dispõe; uma big tech, em pleno funcionamento em um sistema capitalista e neoliberal.

Por conseguinte, nessa perspectiva enunciativo-discursiva aqui colocada, a reflexão se potencializa quando voltamos nosso gesto analítico para a forma como o sujeito da enunciação, tomado em espaços enunciativos informatizados, constitui seus interlocutores. Nesse nível, podemos analisar discursivamente, pela via do esquecimento número 2, conforme proposto por Pêcheux, como o sujeito “esquece”, e nesse caso “esquece” inclusive que o seu interlocutor não é um sujeito. As projeções imaginárias dos sujeitos que se relacionam com a IA não têm reversibilidade.

Por outro lado, a questão da autoria ainda pode ser mobilizada em uma reflexão que toma a produção de desinformação, ou fake news, como resultante de uma produção automática. Nesse caso, a autoria está relacionada ao efeito-autor, mais precisamente, à perda desse efeito, na medida em que os discursos de escrita, como o discurso jornalístico, que sempre foi um discurso ligado a instituições de poder, começa a perder esse estatuto e esse poder, ao ser “pulverizado” em diferentes espaços enunciativos informatizados e produzido por sujeitos não inscritos no discurso de escrita (Gallo; Silveira; Pequeno, 2021), o que não é sem consequências.

Em reflexão acerca das fake news em seu funcionamento discursivo, Gallo, Silveira e Pequeno (2021) dizem do modo como processos de “normatização” e “mídiatização” se imbricam na produção dessas materialidades. Nos termos dos autores: “o primeiro, a normatização, torna possível a formulação de um dizer anônimo; o segundo, a mídiatização, torna possível que esse dizer ganhe notoriedade pela quantificação” (Gallo; Silveira; Pequeno, 2021, p. 258). Com relação ao processo de normatização, os

autores trazem como exemplos a criação de perfis falsos nas redes sociais (robôs), em seu funcionamento na formulação e circulação de dizeres.

Acrescentamos que a normatização também se vale de sites que geram templates prontos para simulação de notícias publicadas pela mídia, como é o caso dos sites “Gerador de *fakenews*” (<https://www.geradordefakenews.com/>) e “Gerador de *Tweets Fake*” (<https://geradores.net/gerador-de-tweets/>), por exemplo³. No caso da página “Gerador de *fakenews*”, podemos observar também o processo de midiatização, uma vez que as notícias geradas pelo template ali disponibilizado se fazem por uma retomada do formato de que se vale a prática jornalística para produção do efeito de verdade, contendo elementos textuais como marca de nome de autor e “chancela institucional” (Gallo; Silveira; Pequeno, 2021, p. 259).

Também não são sem consequências para a produção e circulação do discurso jornalístico a apropriação desse fazer pelas máquinas de inteligência artificial. LuzIA, por exemplo, produz notícias jornalísticas sob demanda, mas segundo ela, não produz *fake news*, como se observa na interação registrada a seguir:

Figuras 3 e 4 – Captura de tela: conversas com LuzIA via WhatsApp



Como podemos observar na Figura 4, a produção de *fakenews* comparece como interdita na resposta dada pela máquina: “como assistente de inteligência artificial, não posso criar ou promover conteúdo falso. Meu objetivo é fornecer informações precisas e úteis”, diz em resposta à demanda por

³ Esses sites destinados à geração de notícias e *tweets* falsos foram objetos de uma matéria da agência de checagem Aos Fatos, que aponta o registro de mais de 30 mil acessos a essas páginas, durante o período eleitoral (Bortolon *et al.*, 2022).

produção de uma *fake news*. “Informações precisas e úteis” mobilizam uma memória discursiva sobre o jornalismo em suas práticas. É interessante notar, no entanto, que a notícia escrita por LuzIA não é assinada, não menciona fontes, não possui origem assinalável; em seu funcionamento, ela se equipara, assim, à desinformação.

No primeiro caso, o texto jornalístico teria que ter um autor, que não há – um sujeito que se responsabilizasse por esse dizer (ou que pudesse ser responsabilizado por ele). A questão aqui é que esse sujeito autor, que não existe, passa a ser materializado/inventado na forma de um nome - um nome sem referência de pessoa, e nesse sentido, um nome falso. Por um processo metonímico, o nome falso se estende para o conteúdo falso. Ainda podemos dizer que embora não haja a constituição de um sujeito autor na base desse processo, ele acontece por meio de uma fórmula e de uma circulação que emulam um discurso de escrita, o discurso jornalístico, e por isso o texto pode produzir o efeito de legitimidade, antes de ser considerado *fake news*. Já no segundo caso, não há um nome de autor inventado. Tudo se passa como se isso não fosse fator constitutivo de um texto jornalístico. Por esse motivo, deixa de ser considerada informação jornalística.

É na esteira dessas reflexões teórico-analíticas que deixamos aqui algumas questões: como podemos pensar o funcionamento da contradição e os gestos de resistência (im)possíveis nos processos de constituição de discursos e de sujeitos na relação com as máquinas, nas condições de formulação e circulação por elas engendradas? E mais: por que é necessário resistir? Ou ainda: O que não é acessível ao processamento das IAs?

REFERÊNCIAS

BORTOLON, Bianca *et al.* Geradores de tuítes e de títulos do 'G1' falsos superam 30 mil acessos por mês durante as eleições. **Aos fatos**, 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/gerador-tuite-falso-g1-falso/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda L.; CARNEIRO, Ceres F. Robôs e fake news: disputa de sentidos na prática jornalística. **Investigações**, v. 35, p. 1, 2022.

DELA-SILVA, Silmara; FREITAS, Ronaldo. Quando a máquina (não) é uma mulher: discurso, sujeito e tecnologia. *In*: GARCIA, Mireille *et al.* (org.). **Discurso, linguagem e poder**. Rio de Janeiro: Edições Makunáima, no prelo.

EDWARDS, Wagner. LuzIA: como funciona a inteligência artificial no WhatsApp. **Olhar Digital**, 18 out. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/10/18/internet-e-redes-sociais/luzia-como-funciona-a-inteligencia-artificial-no-whatsapp/>. Acesso em: 31 out. 2023.

GALLO, Solange; SELHORST, Lucas. ChatGPT: a grande bolha! *In*: FLORES, Giovanna *et al.* (org.). **Análise do Discurso em Rede**: Cultura e Mídia. v. 6. Campinas: Editora Pontes, 2023. p.325-346.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana; PEQUENO, Vitor. Fake news: efeito de fake, efeito de news. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SILVA SOBRINHO, Helson F. (org.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 253-268.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora; Campinas: Editora da Unicamp, 2001.



PÊCHEUX, Michel. [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.